

LITERACIA MIDIÁTICA E DISCURSO DE ÓDIO: UMA ATIVIDADE PARA PENSAR A MÍDIA E AS ESTRUTURAS DE VIOLÊNCIA

Christiane Delmondes Versuti¹

Jorge Salhani²

RESUMO

O presente artigo apresenta a concepção, desenvolvimento e aplicação de uma atividade de literacia midiática realizada com estudantes de cursinho pré-vestibular público da cidade de Bauru, São Paulo. Os temas principais abordados na atividade foram o discurso de ódio, a violência e a produção de sentido nos meios de comunicação. No exercício, foi estimulada a proposição, por parte dos jovens, de produtos midiáticos capazes de desconstruir situações de violências. A atividade tomou como base um levantamento bibliográfico sobre a literacia midiática e as violências direta, estrutural e cultural. Buscou-se, com a realização dessa atividade, gerar a compreensão dos jovens acerca dos conceitos previamente abordados e, também, a reflexão sobre as relações entre as mídias, o discurso de ódio e a violência.

PALAVRAS-CHAVE

Literacia midiática. Discurso de ódio. Cidadania. Violência.

1 INTRODUÇÃO

A literacia midiática pode ser definida essencialmente como “a habilidade de acessar, compreender e criar comunicação em uma variedade de contextos” (OFCOM, 2004, p. 2). O conceito compreende diferentes níveis de complexidade: seu nível mais básico consiste na habilidade de acessar, usar e compreender as mídias; sucede esse nível a habilidade de analisar e avaliar a informação dos meios de comunicação; e, como último nível, temos a capacidade de tomada de decisão eficiente por meio das oportunidades oferecidas pelas tecnologias da comunicação, ou seja, produzir conteúdo criativamente e comunicar usando as mídias em favor da cidadania.

¹ Doutoranda em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-Bauru). Mestre em Comunicação e graduada em Comunicação Social: Relações Públicas pela mesma instituição. Bolsista FAPESP nível doutorado (2017/19981-2).

² Mestre em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-Bauru). Graduado em Comunicação Social: Jornalismo pela mesma instituição.

Essas diferentes camadas se mostram essenciais na desconstrução da violência cultural, uma vez que a comunicação pode ser uma ferramenta de promoção de diálogo e do debate público, fomentando a participação social e, conseqüentemente, a cidadania (ARÉVALO SALINAS, 2014). Faz-se essencial ter em conta que os diferentes tipos de violência – violência direta, estrutural e cultural –, conceitos apresentados por Johan Galtung (1969; 1990), são perpassados pela mediação.

Combinando esses conceitos, foi desenvolvida uma atividade prática com o objetivo de promover debates sobre democracia, discurso de ódio e cultura de violência entre jovens que cursam o Ensino Médio e recém-formados. A proposta apresentada foi inspirada na atividade “Cortar o ódio pela raiz” do Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho, Portugal (PEREIRA, FILOL & MOURA, 2018, p. 16-17) e aplicada em um cursinho pré-vestibular da cidade de Bauru, São Paulo, Brasil.

Em um contexto de mediação, baseado na perspectiva de que a mídia, principalmente a internet, pode facilitar a propagação de discursos de ódio, a dinâmica foi elaborada a fim de sensibilizar os jovens sobre os perigos do discurso de ódio e promover debates sobre o seu papel como cidadãos; gerar reflexões sobre os impactos online e offline do discurso de ódio; compreender a internet como espaço público, no qual os princípios da democracia devem ser aplicados; e encorajar discussões acerca de iniciativas que possam promover uma cultura de paz.

A expectativa, com essa atividade, é ressaltar a importância da literacia midiática e fomentar debates sobre esse tema, uma vez que suas habilidades podem ser usadas para, além de pensar a sociedade com uma perspectiva crítica, compreender as funções desempenhadas pelos meios de comunicação.

2 LITERACIA MIDIÁTICA

O conceito de literacia midiática (ou *media literacy*, em inglês) está relacionado, em termos gerais, à capacidade de pensar e desenvolver a comunicação midiática de maneira crítica. O termo começou a ser utilizado nas pesquisas acadêmicas na Inglaterra, por volta da década de 1960 e, desde esse período, passou a ser desenvolvido por várias instituições e pesquisadores. A partir de 2004, utiliza-se amplamente a definição dada pelo órgão regulatório de mídia do Reino Unido OFCOM (2004, p.2), que conceitualiza *media literacy*

como a habilidade de acessar, compreender e criar comunicação nos mais variados contextos.

De acordo com José Manuel Pérez Tornero, Paolo Celot e Tapio Varis (2007), um processo de literacia midiática consiste nas seguintes etapas: acesso às mídias e às informações; compreensão do processo de produção midiática e análise crítica das informações; e, finalmente, a criação de produtos, ou seja, a capacidade comunicativa de utilizar as mídias para contar histórias por meio de conteúdos próprios. Indo ao encontro da definição proposta pelo OFCOM, literacia midiática, para os autores, é a “capacidade de realmente usar os media, de os compreender criticamente e de ser capaz de avaliar informação e finalmente de criar, comunicar e participar” (TORNERO; CELOT; VARIS, 2007, p 74).

Para a Comissão Europeia (2007), *media literacy* diz respeito à “capacidade de aceder aos media, de compreender e avaliar de modo crítico os diferentes aspectos dos media e dos seus conteúdos e de criar comunicações em diversos contextos”.

Evelyne Bévort e Maria Luiza Belloni (2009, p. 1087) reconhecem o potencial dos meios de comunicação em promover a expressão criativa e a participação dos cidadãos, considerando a mídia como ferramenta para a democracia.

Alexandra B. Siqueira complementa (2006, p. 1048):

Media literacy, portanto, se refere a um conjunto de habilidades específicas que envolvem questões de natureza técnica e informacional, e que são socialmente constituídas. Por extensão, o termo vem sendo usado para se referir à ação pedagógica necessária para promover tais habilidades. Nesse sentido, *media literacy*, algumas vezes, toma o lugar do termo *media education*. Longe de entrarem em disputa, esses dois termos tendem a se agregar, para constituir um campo interdisciplinar e expandido do conhecimento, que reúne contribuições de diversas ciências, tais como a psicologia, a sociologia, a lingüística e a semiótica.

Apresentadas as definições de literacia midiática, faz-se necessário destacar que, para o alcance das competências relacionadas a esse conceito, não basta apenas que haja a garantia do acesso às mídias e à informação, mas também que seja implementado um processo de educação que desenvolva nos cidadãos tais competências.

Nesse sentido, as autoras Roseane Andrelo e Wanessa Bighetti, apontam a necessidade de

[...] oferecer aos cidadãos, em especial aos jovens, a formação necessária para saber analisar e utilizar as informações disponibilizadas pela mídia. Nesse sentido, é preciso que o cidadão, desde a infância e por meio da educação, seja capacitado a extrair da informação subsídios para pensar seu cotidiano de maneira crítica e agir de forma engajada e inclusiva. (ANDRELLO; BIGHETTI, 2015, p. 29).

Buckingham (2000) traça uma linha do tempo do desenvolvimento da literacia midiática:

- 1) Anos 1930: primeiras tentativas de inocular os indivíduos contra os perigosos efeitos da mídia;
- 2) Anos 1960: período que ficou conhecido como “desmistificação”. A proposta era que, no ambiente escolar, fossem feitas reflexões sobre como as pessoas conviviam com as mídias em seu dia a dia.
- 3) Anos 1980: inclusão dos estudos das mídias na educação formal superior.
- 4) A partir dos anos 2000: trabalhos segundo a perspectiva dos estudos culturais, alinhados às inovações das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Em relação às etapas e abordagens em literacia midiática, Siqueira (2008, p. 1048) aponta que, na atualidade “os educadores não se preocupam mais em inocular seus alunos, mas sim em prepará-los para usar, de modo consciente e proveitoso, os benefícios que as novas plataformas podem oferecer”. Isso significa que o interesse não é mais de apenas alertar os alunos sobre como a mídia pode ser perigosa e manipuladora, demonizando-a, mas sim de desmitificar seus processos de produção e interesses envolvidos e, também, demonstrar que a mídia também pode ser um instrumento de democratização da informação e utilizada a favor do cidadão.

No Brasil, foi por volta dos anos 1930 que surgiu o interesse dos educadores pelas mídias, com a utilização do rádio na educação. Foi escrito o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (AZEVEDO *et al.*, 1932), que destacava o uso do rádio (na época, símbolo de modernidade) como um importante aparato para promoção de uma educação pública de qualidade. Dessa forma, o Manifesto assinalava que:

[...] a escola deve utilizar, em seu proveito, com a maior amplitude possível, todos os recursos formidáveis, como a imprensa, o disco, o cinema e o rádio, com que a ciência, multiplicando-lhe a eficácia, acudiu à obra de educação e cultura e que

assumem, em face das condições geográficas e da extensão territorial do país, uma importância capital (AZEVEDO *et al.*, 1932, s.p.)

O Manifesto demonstra expectativa positiva sobre a inserção dos meios de comunicação nos processos educacionais e, ainda, destaca a potencialidade de tais tecnologias para levar educação e cultura a mais localidades do Brasil.

Décadas após a publicação desse documento, diversas pesquisas interdisciplinares, combinando os campos da comunicação e da educação, foram desenvolvidas no Brasil. De maneira geral, como assinala Siqueira (2008, p. 1047), apesar da diversidade de formação dos pesquisadores, os estudos têm como ponto de encontro “a preocupação com as mútuas influências entre mídia, educação e democracia, e com seus desdobramentos, que vão das novas formas de ler e escrever, usando linguagens audiovisuais, à investigação do modo como as pessoas conhecem a realidade”.

Siqueira (2008) descreve duas abordagens principais – e contraditórias – em relação aos estudos empreendidos em mídia e educação: a primeira é da “inoculação”, que considera o público vulnerável e passivo, que necessitaria de proteção em relação à manipulação da mídia; a segunda abordagem, por sua vez, é a da “desmistificação” ou “preparação”, que leva em conta a capacidade crítica e ativa do público. De acordo com a autora:

[...] o reflexo dessas duas leituras, na educação, resultou em duas abordagens pedagógicas: uma genericamente chamada de “inoculativa” – em que um professor consciente imuniza seus alunos dos perigos da cultura midiática – e outra centrada no conceito de media literacy – em que o professor trabalha com os códigos da cultura de massa para ensinar a ler e escrever, usando tais linguagens, numa perspectiva analítica, crítica e criativa. (SIQUEIRA, 2008, p. 1047).

Dessa forma, a abordagem da preparação preocupa-se em trazer compressão sobre processo midiático. Assim, por meio da literacia midiática, busca-se a garantia do acesso às mídias e à informação; a compreensão crítica e capacidade de ler e analisar as informações de maneira autônoma, considerando formatos e contextos; e, por último, a capacidade comunicativa, com a produção de conteúdos e expressão social, de maneira que seja possível empregar tais competências visando a uma participação cidadã mais ativa.

Nesse sentido, a atividade de literacia midiática que apresentamos neste trabalho está alinhada à abordagem da preparação, pois propõe que os participantes pensem

criticamente sobre a relação da mídia com situações de violência e discurso de ódio e, também, estimula a comunicação criativa através da proposição de produtos midiáticos que possam combater tais discursos e ações violentas.

3 VIOLÊNCIA E DISCURSO DE ÓDIO

Na medida em que são desenvolvidas as competências da literacia midiática, as pessoas tornam-se mais atentas aos discursos e aos interesses dos meios de comunicação: passa-se a entender que eles podem não somente corroborar para a naturalização da violência, mas que eles também têm potencial para eliminá-la.

A fim de gerar reflexões sobre as relações entre a mídia e a violência, explicamos, nesta seção, os conceitos que orientaram a atividade aplicada neste estudo. As definições de discurso de ódio e de violência foram apresentadas e debatidas com os participantes da dinâmica em grupo, servindo como base teórica para a criação de suas propostas de produtos midiáticos.

Neste trabalho, para definir as ideias de violência, tomamos como suporte teórico os estudos do sociólogo norueguês Johan Galtung. Esse autor recebe destaque, academicamente, por ter se dedicado a definir o que é a paz e a violência, debruçando-se sobre o conceito de violência cultural.

Galtung (1969) faz uma distinção entre a violência direta e a indireta, ou estrutural: o primeiro tipo é a camada mais superficial da violência, aquela que pode ser notada mais facilmente. Ela é percebida na forma de conflitos e guerras – atos de violência física, no geral –, que têm como consequências mortes, lesões e destruições. A violência estrutural, por sua vez, pode servir como sinônimo à injustiça social. Esse tipo de violência se refere às estruturas de desigualdade e aos diferentes tipos de exploração.

Há, ainda, um fator determinante, que legitima a existência da violência direta e estrutural: a ele Galtung dá o nome de violência cultural. Este é o nível mais profundo da violência e, portanto, mais difícil de ser percebido. Por violência cultural, Galtung (1990) entende como tudo aquilo que tem valor simbólico e pode ser usado para justificar atos violentos. São exemplos aspectos culturais como as artes, as religiões, as linguagens e as ideologias.

Então, para que uma sociedade se encontre em um estado de paz, de acordo com Galtung (1969), não basta que sejam extintos todos os conflitos e guerras, uma vez que essas situações representam apenas uma das camadas da violência. É necessário que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades e, também, que seja eliminada a cultura de violência.

Partindo desses conceitos e levando em consideração que os meios de comunicação atuam na produção de sentido, podemos colocar a mídia e os discursos por ela veiculados como detentores de capital simbólico e, portanto, possíveis legitimadores ou deslegitimadores da violência cultural. O seu potencial para a criação de uma cultura de paz depende do tipo de mensagem disseminada pelos profissionais de comunicação.

Um discurso de ódio favorece a existência e a naturalização da violência direta e estrutural. Trabalhamos, neste estudo, com a definição de discurso de ódio proposta pelo Comitê de Ministros do Conselho da Europa, na Recomendação nº R (97) 20, que afirma:

[...] entende-se o termo ‘discurso de ódio’ por aquilo que engloba todas as formas de expressão que disseminem, incitem, promovam ou justifiquem o ódio racial, a xenofobia, o antissemitismo ou outras formas de ódio baseadas na intolerância, incluindo: a intolerância expressa pelo nacionalismo agressivo e etnocentrismo, discriminação e hostilidade contra minorias, pessoas migrantes e pessoas descendentes de migrantes (CONSELHO DA EUROPA, 1997a).

Ainda, o Conselho se mostra ciente a respeito do discurso de ódio online, cujo surgimento acompanhou o desenvolvimento dos meios de comunicação na internet (CONSELHO DA EUROPA, s.d.). O órgão ressalta a importância de ações que prezem pela regulação da mídia e reflexões sobre ela.

Em outra resolução (Recomendação nº R (97) 21), o Comitê de Ministros versa sobre o papel dos meios de comunicação em combater o discurso de ódio: “a mídia pode dar uma contribuição positiva à luta contra a intolerância, especialmente quando fomentam uma cultura de entendimento entre grupos étnicos, culturais e religiosos distintos na sociedade” (CONSELHO DA EUROPA, 1997b).

4 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A atividade elaborada e aplicada pelos autores deste estudo teve como inspiração a dinâmica de grupo “Cortar o ódio pela raiz”, desenvolvida pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho, Portugal. A ideia original, proposta por Sara Pereira, Joana Fillol e Pedro Moura, é parte da cartilha *Levar os media para a escola: agenda de atividades de transliteracia*, cujo objetivo é trabalhar e promover a literacia midiática em instituições de ensino formais e não formais.

Pereira, Fillol e Moura (2018) explicam que a atividade por eles pensada, especificamente, visa sensibilizar os jovens acerca das consequências do discurso de ódio e gerar reflexões a respeito dos impactos da internet nesse contexto.

O exercício da Universidade do Minho foi adaptado neste trabalho em uma nova atividade, direcionada principalmente a adolescentes que cursam o Ensino Médio, com fins de desenvolver o entendimento dos participantes sobre o papel dos meios de comunicação na construção e desconstrução de discursos de ódio e da cultura de violência.

Uma proposta desta atividade foi, primeiramente, apresentada na 20ª Convenção Anual da Associação de Ecologia dos Meios³ na Universidade de Toronto, no Canadá, em junho de 2019. O projeto foi, então, transformado na atividade descrita neste artigo, detalhada nos parágrafos a seguir.

A atividade foi aplicada em um cursinho pré-vestibular popular da cidade de Bauru, no Estado de São Paulo, em 10 de outubro de 2019. O cursinho oferece aulas gratuitamente de segunda a sexta-feira no período noturno e é voltado a alunos da rede pública de ensino. Seu corpo docente leciona de forma voluntária.

Participaram da atividade 12 estudantes do cursinho. Destes, sete eram alunas e cinco, alunos. A média de idade dos participantes, no momento da pesquisa, era de 16,8 anos, com idades que variavam entre 15 e 19 anos. A maior parte dos estudantes (sete alunos) cursavam o terceiro ano do Ensino Médio. Uma aluna estava no segundo ano e outra, no primeiro. Três alunos já haviam finalizado o Ensino Médio.

3 20th Annual Convention of the Media Ecology Association (MEA). Disponível em <http://mediaethics.ca/>. Acesso em 23 out. 2019.

A atividade foi dividida em duas etapas: na primeira, de caráter mais teórico, os participantes foram instigados a refletir sobre os conceitos de alguns termos, como violência e discurso de ódio; a segunda, por sua vez, consistiu em um exercício prático, no qual os participantes deviam pensar na produção de produtos midiáticos.

A primeira etapa se iniciou com uma discussão coletiva sobre os conceitos de violência. Os instrutores distribuíram post-its para os alunos, nos quais eles deveriam escrever diferentes situações de violência, pensando naquelas que já sofreram ou testemunharam ou em casos hipotéticos. Após o preenchimento dos papéis, foi revelada uma tabela, na lousa, com três colunas, separadas nas categorias “violência direta”, “violência estrutural” e “violência cultural”. Os participantes deveriam, então, fixar os post-its na lousa, nas colunas em que consideravam mais adequadas. Todos os estudantes iam até a frente da sala de maneira simultânea, podendo trocar ideias entre si sobre onde alocar as situações de violência.

A seguir, os instrutores abriram um debate com a sala, perguntando aos alunos os motivos pelos quais eles haviam escolhido determinada coluna para colocar os seus post-its e, posteriormente, explicaram as tipologias de violência designadas na lousa, tomando como perspectiva os estudos de Galtung.

Os participantes foram, então, divididos de maneira aleatória em três grupos com quatro pessoas cada. Ainda de forma coletiva, foi perguntado o que eles entendiam por discurso de ódio. Após as discussões com os instrutores, cada grupo deveria redigir sua própria definição do termo e, ao finalizar, compartilhá-las com o restante da sala. Uma vez que isso foi feito, os instrutores apresentaram aos estudantes o conceito de discurso de ódio proposto pelo Comitê de Ministros do Conselho da Europa, que seria confrontado com as definições delineadas pelos grupos.

Depois dessa etapa, os participantes deveriam traçar paralelos entre o conceito de discurso de ódio e os meios de comunicação, respondendo a seguinte questão: “Na visão do grupo, quais seriam as relações entre discurso de ódio e a mídia?”. A primeira etapa da atividade é finalizada com os grupos compartilhando e debatendo as suas respostas.

Na segunda fase da atividade, mantiveram-se os grupos formados anteriormente. Cada um deles deveria, então, com base nas exposições e discussões prévias, criar uma proposta de produto midiático que colaborasse com a desconstrução do discurso de ódio. Os alunos

poderiam escolher, de maneira livre, o formato e a plataforma nas quais seriam veiculados os produtos.

Primeiramente, os participantes, levando em consideração que o público-alvo do produto era a população em geral – isto é, o material não seria produzido para públicos segmentados –, deveriam definir qual era o tipo de discurso de ódio que queriam combater (discurso de ódio contra as mulheres, contra a população indígena ou contra refugiados, por exemplo).

Pensado nisso, foi apresentada uma nova tabela com os tipos de violência para os participantes, que deveriam preenchê-la com base nas situações de violência sofridas por aquele grupo populacional escolhido previamente. Por exemplo, caso os participantes tenham escolhido abordar o discurso de ódio contra refugiados, eles deveriam listar situações de violência direta (como agressões físicas), estrutural (como as burocracias que dificultam a solicitação de refúgio e a obtenção de vistos) e cultural (como o preconceito linguístico) que afetam esse grupo populacional.

Os participantes definiriam, neste momento, como seriam os seus produtos midiáticos, detalhando quais seriam os formatos utilizados e para quais plataformas seriam produzidos. Deveriam, também, pensar na viabilidade de produção dos produtos e, principalmente, quais suas estratégias principais para quebrar a cultura de violência e desconstruir os discursos de ódio.

Ao final da atividade, os grupos expuseram as suas propostas uns para os outros, descrevendo as principais motivações para suas criações. Os alunos foram encorajados a apontarem críticas e elogios para cada uma das propostas de produtos midiáticos elaboradas.

5 RESULTADOS

Na primeira ação da atividade, os estudantes que participaram da pesquisa tiveram que pensar em situações de violência hipotéticas ou pelas quais já tenham passado. Foram listados 33 atos de violência, que foram classificados, após discussões entre os próprios participantes, nas categorias “violência direta”, “violência estrutural” e “violência cultural”.

Puderam ser vistos alguns padrões nas respostas dos estudantes: violência direta foi tida, frequentemente, como sinônimo de “violência física”, uma vez que este termo foi o

mais frequente nessa categoria. Outras situações que foram enquadradas pelos participantes nesse tipo de violência foram: “violência verbal”, “violência psicológica”, “violência sexual”, “feminicídio”, “homofobia”, “bullying” e “opressão”.

Violência estrutural, por sua vez, foi relacionada, quase em sua totalidade, a “violência psicológica”. Foram colocados, nessa tipologia, os termos “violência virtual”, “violência familiar” e “brigas”.

Não houve, na categoria de violência cultural, um termo predominante. Os únicos termos que apareceram mais de uma vez foram “violência doméstica” e “homofobia”. Também foram citadas: “violência moral”, “violência verbal”, “violência sexual” e “violência contra a mulher”.

O objetivo desta parte da atividade não era simplesmente fazer com que os participantes enquadrassem, de maneira assertiva, as situações de violência em uma única categoria, isto é, eles não foram avaliados quanto à existência de uma categorização correta ou incorreta. Pretendia-se, na verdade, levantar questionamentos e dúvidas a respeito das concepções de violência, visando gerar a percepção dos participantes de que os três níveis da violência coexistem e são indissociáveis.

Isso pode ser explicado a partir das situações elencadas pelos participantes. Tomemos como exemplo a homofobia, tipo de violência se fez presente em duas categorias distintas: violência direta e violência cultural. Infere-se, com essa classificação, que, no primeiro caso, a pessoa deva ter pensado em algum caso de agressão física contra a população LGBTI. Por outro lado, quem colocou a homofobia como violência cultural provavelmente a relacionou a aspectos da cultura que prejudicam ou cerceiam os direitos da população previamente mencionada, como profissões religiosas anti-LGBTI ou piadas de cunho homofóbico. Seria possível, ainda, associar a homofobia à violência estrutural quando, por exemplo, faltam políticas públicas que garantam os direitos das pessoas que se inserem nesse grupo populacional. Todas essas situações são ligadas diretamente umas às outras: a hostilidade e a omissão do Estado são legitimadas por uma cultura de violência.

Após terem uma visão mais ampla sobre as definições de violência, os participantes elaboraram seus próprios conceitos para discurso de ódio. Eles foram divididos em três grupos, denominados aqui de Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3.

O Grupo 1 definiu discurso de ódio da seguinte maneira: “defender sua ideologia, fechando seu pensamento para outras visões”. Os participantes disseram que em um discurso de ódio tenta-se usar da persuasão para levar as pessoas a acatar interesses determinados. Ao explicar o conceito, os participantes fizeram uma relação direta entre discurso de ódio e política, mencionando Adolf Hitler, líder do Partido Nazista alemão, e Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, como propagadores de um discurso de ódio.

Por sua vez, o Grupo 2 relacionou o termo a discursos violentos que estão internalizados nas pessoas. Além disso, mencionaram os preconceitos e ao ato de criticar uma pessoa sem conhecê-la. Nas palavras desse grupo, “discurso de ódio varia desde conversas em que um indivíduo fala com outro incitando discórdia e muitas vezes ele mesmo não percebe; e também pode ser relacionado a quando discutimos ou transmitimos palavras de ofensa a um determinado grupo e/ou que incitem a violência moral, física ou psíquica”.

O Grupo 3 discutiu acerca dos conceitos de certo e errado. De acordo com os integrantes, opiniões são marcadas pela subjetividade e, ao se tentar incuti-las em outras pessoas de maneira forçada, gera-se um discurso de ódio. Assim definiram esse termo: “discurso de ódio é quando se incita a violência e se propaga o ódio indo a favor do mal ou do que a sociedade julga errado (apesar disso, “errado” e “certo” não têm uma definição)”.

Pôde ser observado que os participantes da atividade relacionaram discurso de ódio principalmente a preconceitos, à falta de pluralidade e diversidade, e à resistência às ideias de outras pessoas. Essas situações têm a ver com o conceito de violência cultural, uma vez que são aspectos que naturalizam atos discriminatórios e de caráter totalitarista. É possível afirmar, também, que as definições dos participantes foram ao encontro daquela proposta pelo Comitê de Ministros do Conselho da Europa, uma vez que todas dizem respeito à propagação e promoção de discursos que legitimam a intolerância, preconceitos e ódio a grupos populacionais específicos.

Nenhum dos grupos mencionou as conexões entre os meios de comunicação e o discurso de ódio ao definirem esse último conceito. A próxima pergunta da primeira etapa da atividade os instigou a pensar sobre esse tema.

O Grupo 1 fez a seguinte relação: “o ódio propagado na mídia causa mais polêmica, o que gera mais lucro (o discurso de ódio é mais interessante)”. Exemplificaram com uma

situação comum no ambiente escolar, do qual fazem parte: acontecimentos tidos como positivos na escola não repercutem com tanta intensidade quanto os negativos. Se há uma situação de bullying contra algum aluno, por exemplo, o conteúdo é amplamente divulgado e compartilhado nas redes sociais, intensificando e dando visibilidade ao discurso de ódio contra aquele indivíduo.

A mesma situação foi tomada como exemplo pelo Grupo 2, que também discorreu sobre o papel da mídia de atuar na formação de opinião das pessoas: “o discurso de ódio e a mídia estão expostos aos públicos com o motivo de afetar ou incitar os ouvintes e leitores. [A relação entre a mídia e o discurso de ódio pode ser percebida na forma de] pessoas que gravam violências e postam em redes e sites com o objetivo de divertimento com o sofrimento do outro, entre outras situações”.

A discussão do Grupo 3 foi centrada na parcialidade dos meios de comunicação: os integrantes afirmaram que a mídia usa de seus interesses próprios para influenciar as pessoas, muitas vezes, de forma negativa, fortalecendo discursos de ódio. A resposta do grupo foi a seguinte: “chegamos à conclusão de que a mídia mostra o que lhe convém, aplicando restrições de conteúdo. Podemos usar como exemplo emissoras de televisão que abrangem [alcançam] uma boa parte da população e moldam o seu jeito de pensar ou agir”.

Observando as respostas dos grupos, podemos notar que os jovens tem uma visão negativa da mídia, o que se relaciona à abordagem de “inoculação”, que toma o público como sujeito manipulável e que precisaria ser protegido dos efeitos nocivos da manipulação midiática. A próxima etapa da atividade estabelece uma relação com a abordagem da preparação, pois estimula pensar a mídia não só apenas como potencializadora da violência, mas como possível promotora de reflexão, conscientização e combate às violências.

Assim, as equipes foram convidadas a pensar em grupos da sociedade vítimas de violência e elencar violências direta, estrutural e cultural sofridas por esses grupos. Após preencherem a tabela com os tipos de violência, cada equipe deveria pensar na elaboração de um produto midiático que pudesse auxiliar no combate a tais violências.

O Grupo 1 escolheu as mulheres como grupo populacional afetado pela violência. Como violências diretas foram citados feminicídio, agressão, abusos e estupro. Como violência estrutural, os participantes mencionaram o risco de perder emprego por conta de

ter filhos, demissão após licença maternidade e julgamento de incapacidade para realização de determinadas funções. O machismo foi colocado como violência cultural.

Em relação aos produtos midiáticos, o Grupo 1 propôs a produção de uma série audiovisual que contaria a história de diferentes personagens mulheres. Nas palavras do grupo, “uma série que retrata o dia a dia de várias mulheres, convivendo com a desigualdade em vários ambientes (trabalho, rua, escola, faculdade...)”.

O primeiro episódio seria sobre a personagem Roberta:

Roberta trabalhava em um escritório há 5 anos. Nesse tempo, ela começou a namorar e, no último ano, descobriu que estava grávida e precisou falar com seu chefe sobre a licença médica. Ele permitiu. Após seu retorno, seu chefe não aceitou e a demitiu por engravidar enquanto trabalhava na empresa, usando a justificativa que ela não ia dar a atenção máxima para o trabalho.

O segundo episódio retrataria a história de Aline:

Aline era uma linda estudante de medicina. No início do curso não havia diferenciação, todo mundo era tratado igual. Após um ano de curso, Aline, por ser a única menina da sala, começou a ser rebaixada pelos seus colegas. Após o término de mais um ano de curso, ela começou a ser assediada por seus professores, ferindo totalmente seu psicológico. Com o apoio de amigas de fora, Aline entra com um processo contra a faculdade. Com várias provas, ganhou o processo e viveu muito feliz.

O grupo populacional escolhido pelo Grupo 2 foi os negros. Os atos de violência direta destacados foram apanhar de policiais e apanhar de pessoas brancas por conta de racismo. Como violência estrutural, citaram que os negros não têm voz na sociedade e não têm oportunidades. Já como violência cultural, colocaram o seguinte exemplo: “se o negro está fazendo alguma coisa, as pessoas perguntam se está fazendo certo”, e também disseram que o negro é frequentemente relacionado a “bandido”.

O produto midiático pensado por esse grupo foi um site de aconselhamento para quem sofre racismo, que englobaria plataformas de acesso aberto com vídeos e séries que abordassem temas diversos relacionados à negritude e que contivessem, também, espaço para depoimentos, denúncias e incentivo à política de cotas enquanto solução estrutural.

Por fim, o Grupo 3 também selecionou os negros como grupo afetado pela violência. Os participantes destacaram a agressão física como violência direta; “julgamentos” como

violência estrutural; e “história” como violência cultural, relacionando todos os tópicos com o termo “racismo”.

Como produto midiático, pesaram na criação de um perfil na rede social Instagram com postagens de fotos, notícias e divulgação de outros materiais relacionados às causas do movimento negro. Destacaram que incluiriam publicações com a intenção de cobrar o governo sobre ações e políticas em prol da população negra e que haveria espaço para “fogo nos racistas”, ou seja, publicações de denúncias de conteúdos racistas e cobrança de punição para tais atitudes criminosas. De acordo com o grupo, o perfil teria caráter interseccional: seriam englobadas questões sobre feminismo e população LGBTQI negras. “Através do meio de comunicação, nós vamos nos conscientizar e tentar mostrar para o resto da sociedade preconceituosa que a inclusão deverá ser feita”, ressaltou o grupo. Além disso, no perfil realizariam parcerias com outras páginas e pessoas tidas pelo grupo como referências do movimento negro, como Quebrando o Tabu, Mídia Ninja e o cantor Djonga, que aborda a temática em suas músicas.

Após a apresentação de todas as propostas, os grupos debateram questões como acessibilidade das produções e maneiras de ampliar sua visibilidade e impacto na sociedade, como disponibilizar conteúdos em plataformas abertas e formatos acessíveis a todas as pessoas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade apresentada neste trabalho buscou relacionar o conceito de literacia midiática com o discurso de ódio e a violência de maneira prática, com o intuito de conscientizar os jovens sobre como tais temas se apresentam empiricamente na vida em sociedade.

Por meio da atividade, eles puderam refletir sobre os tipos de violência propostos por Galtung e perceber que estão todos diretamente conectados. Da mesma forma que os tipos de violência estão relacionados, também estão relacionadas as etapas da literacia midiática.

É importante ter acesso a conteúdos que discutam sobre o combate ao discurso de ódio e à violência. Ademais, faz-se necessário que as pessoas sejam educadas para serem capazes de analisar conteúdos midiáticos criticamente e detectar discursos de ódio e preconceitos e, mais importante, que haja pessoas dispostas a não compactuar com a

propagação desses discursos e a agir de maneira ativa na produção de conteúdos que combatam a violência e promovam uma cultura de paz.

A visão inicial dos participantes da atividade sobre a mídia, de caráter pessimista, ocorre, pois há, de fato, mais facilidade na propagação de conteúdos sobre violência e discurso de ódio. Porém, foram reveladas outras potencialidades da mídia, destacando o pensamento crítico e a sua utilização para a promoção da cidadania.

Para demonstrar tal possibilidade de ação, os grupos foram estimulados a pensar seus próprios produtos midiáticos e, através da comunicação criativa, a elaborar conteúdos e estratégias que pudessem agir em favor do combate à violência e empoderamento dos grupos que são afetados por ela. Dessa forma, buscou-se, com a atividade, promover reflexão sobre a possibilidade da utilização das mídias para uma atuação cidadã, em prol do cumprimento de deveres e garantia de direitos.

REFERÊNCIAS

ANDRELO, Roseane; BIGHETTI, Wanessa Valeze Ferrari. Media literacy, memória e eleições - como jovens interpretam o apelo à memória na campanha presidencial de 2014. **Comunicação & Educação**, v. 20, n. 2, 27-36, 2015. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/86953>. Acesso em 24 out. 2019.

AZEVEDO, Fernando et al. Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932). **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. especial, p. 188-204, ago. 2006. Disponível em http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf. Acesso em 4 nov. 2019.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídiaeducação, conceitos, história e perspectivas. **Revista Educação e Sociedade**, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>. Acesso em 24 out. 2019.

BUCKINGHAM, David. Media education: literacy, learning and contemporary culture. Cambridge, MA: Polity, 2000.

COMISSÃO EUROPEIA. **Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões - Uma abordagem europeia da literacia mediática no ambiente digital**. 2007. Disponível em <http://eur-lex.europa.eu/legalcontent/PT/TXT/?uri=CELEX:52007DC0833>. Acesso em 25 out. 2019.

CONSELHO DA EUROPA. **Hate speech**. S.d. Disponível em <https://www.coe.int/en/web/freedom-expression/hate-speech>. Acesso em 25 out. 2019.

CONSELHO DA EUROPA. **Recomendação nº R (97) 20 do Comité de Ministros**. 30 out. 1997a. Disponível em <https://rm.coe.int/1680505d5b>. Acesso em 25 out. 2019.

CONSELHO DA EUROPA. **Recomendação nº R (97) 21 do Comitê de Ministros**. 30 out. 1997b. Disponível em <https://rm.coe.int/168050513b>. Acesso em 25 out. 2019.

GALTUNG, Johan. Violence, peace, and peace research. **Journal of Peace Research**, Oslo, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/422690>. Acesso em 31 out. 2019.

GALTUNG, Johan. Cultural violence. **Journal of Peace Research**, Oslo, v. 27, n. 3, p. 291-305, 1990. Disponível em <https://www.galtung-institut.de/wp-content/uploads/2015/12/Cultural-Violence-Galtung.pdf>. Acesso em 31 out. 2019.

OFCOM. **OFCOM's strategy and priorities for the promotion of media literacy: a statement**. Londres: Office of Communications, 2004.

PEREIRA, Sara; FILLLOL, Joana; MOURA, Pedro. **Levar os media para a escola: agenda de atividades de transliteracia**. Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade – Universidade do Minho. 2018.

PÉREZ TORNERO, José Manuel; CELOT, Paolo; VARIS, Tapio. **Current trends and approaches to media literacy in Europe**. Bruxelas: European Commission. 2007.

SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de. Media education: from inoculation to preparation. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 105, p. 1043-1066, 2008.

Media literacy and hate speech: an activity to reflect on the media and the structures of violence

ABSTRACT

The article intends to present development and application of a media literacy activity carried out with students of a public college preparatory course in the city of Bauru, São Paulo, Brazil. The main issues addressed in the activity were hate speech, violence, and production of meaning in mass media. In this exercise, the students were encouraged to propose media products that could mitigate and deconstruct violent situations and hatred towards specific groups or people. The activity was based on a literature review on media literacy and direct, structural, and cultural violence. By participating in this exercise, students can engage in critical thinking on the relations between the means of communication, hate speech, and violence.

Keywords: Media literacy. Hate speech. Citizenship. Violence.

Educación para los medios y discurso de odio: un ejercicio para reflexionar sobre los medios y las estructuras de violencia

RESUMEN

En este artículo, son presentadas la concepción, el desarrollo y la aplicación de una actividad de educación para los medios con estudiantes de un curso preparatorio para el acceso a la universidad público en la ciudad de Bauru, São Paulo, Brasil. Los principales temas abordados en la actividad fueron el discurso de odio, la violencia y la producción de sentido en los medios de comunicación. En el ejercicio, los estudiantes fueron estimulados a crear productos mediáticos a fin de deconstruir situaciones de violencia. La actividad se basó en una revisión literaria sobre la educación para los medios y sobre las violencias directa, estructural y cultural. Con el ejercicio, se buscó generar la comprensión de los estudiantes sobre los conceptos previamente discutidos y la reflexión sobre las relaciones entre los medios, el discurso de odio y las violencias.

Palabras clave: Educación para los medios. Discurso de odio. Ciudadanía. Violencia.

Recebido em: 14/11/2019

Aceite em: 13/03/2019